**NARRATIVAS DE PROFESSORAS SOBRE PRÁTICAS DOCENTES ANTIRRACISTAS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS.**

Iniciamos esse texto, partindo das legislações vigentes que estabelecem o ensino da história e cultura dos povos africanos nos estabelecimentos de Educação Básica em território nacional.

Conforme o art. 22, das Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica:

as crianças provêm de diferentes e singulares contextos socioculturais, socioeconômicos e étnicos, por isso devem ter a oportunidade de ser acolhidas e respeitadas pela escola e pelos profissionais da educação, com base nos princípios da individualidade, igualdade, liberdade, diversidade e pluralidade.

A revisão das DCNEs incluiu em seu artigo 8º, § 1º, a exigência de que a proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil explicitasse as ações sobre o tema:

(...) deverão prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem: VIII – a apropriação pelas crianças das contribuições histórico-culturais dos povos indígenas, afrodescendentes, asiáticos, europeus e de outros países da América; IX – o reconhecimento, a valorização, o respeito e a interação das crianças com as histórias e as culturas africanas, afrobrasileiras, bem como o combate ao racismo e à discriminação (DCNEs CNE, 2009)

Além dos documentos acima, ainda existem a Lei 10.639/03, que foi revisada pela Lei 11.645/08 que adiciona o estudo da cultura e história dos povos indígenas.

Com o objetivo de agir preventivamente na luta antirracista no âmbito da Educação Infantil, a Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Nilópolis construiu um documento intitulado: “Subsídios para uma prática antirracista nas unidades escolares de Educação Infantil do Município de Nilópolis. Por considerar o documento importante para o Estudo das Relações Étnico Raciais, escolhi algumas das sugestões das estratégias sugeridas no documento para dialogar com algumas falas de docentes participantes da minha pesquisa de doutorado. Vale ressaltar que o documento foi construído coletivamente, assim entende-se que as ações propostas, por mais simples que possam parecer, têm o poder de fazer toda a diferença no processo de construção das subjetividades desses meninos e meninas da Educação Infantil. E mais do que isso, possivelmente, essas práticas são esquecidas em algum momento, pois o cotidiano das escolas é muito dinâmico e a escola acaba, em algum momento, reproduzindo o racismo institucional no cenário brasileiro.

Narrativa Docente:

É bonito ver a perspectiva em trazer para o ambiente escolar a história africana e afro-brasileira, trazer à tona elementos culturais que fazem (ou já fizeram) parte do nosso cotidiano, leituras que valorizam a cultura e a identidade visual/corporal das pessoas negras. Trazer elementos pertencentes às religiões afro-brasileiras, a fim de quebrar estereótipos e preconceitos relacionados à elas. Algo que há alguns anos seria difícil de se poder imaginar. Estamos tentando, trata-se de um exercício diário. (Prof.ª Maria)

A Rede Municipal de Nilópois acredita que se faz necessário que práticas pedagógicas cujo objetivo seja desenvolver nos pequenos o sentido de pertencimento racial, esse item é muito importante para a construção da identidade deles. A reflexão sobre a temática das relações étnico-raciais deve atravessar todos os planos de curso dos anos de escolaridade destinados à Educação Infantil. Incorporar as experiências e bagagens dos estudantes na dinâmica das aprendizagens diárias, por exemplo, mostrar para as crianças, de forma natural, que existem bonecas negras, a escola pode adquirir esse material e deixá-las expostas nas salas de aula, assim como encontramos bonecas brancas em todos os espaços nos quais encontram-se brinquedos no espaço escolar.

Ao trazer cartazes para as aulas ou ao confeccionar murais cujos personagens não sejam compostos, exclusivamente, por pessoas brancas, as crianças entendem que pessoas negras também podem ser bem-sucedidas, alcançar sucesso financeiro, habitar em boas casas, frequentar boas escolas, também podem possuir automóveis, viajam, assim como possuem vidas simples e felizes e nenhum dos exemplos citados as tornam inferiores às pessoas brancas. As crianças precisam de auxílio na construção dessa subjetividade. Ao invés de crescerem acreditando que pessoas negras são aquelas que estão sempre à margem de tudo, esperando que a sorte sorria para elas, ou ocupando as páginas policiais dos jornais e telejornais (Pinheiro, 2023a).

Incluir a temática racial nas discussões de construção do Projeto Político Pedagógico da Escola, por meio de discussões do tipo: será que as crianças negras são tratadas como as brancas, sem distinções, sem demonstrações de algum tipo de preferência, em todo o ambiente escolar, por todos os funcionários da escola? Caso a resposta seja negativa, que atitudes podem ser tomadas para que tais práticas sejam ajustadas?

Para as práticas docentes, especificamente, a Rede sugere que ambientes de auxílio emocional sejam criados para que as crianças possam produzir identificações positivas sobre elas e sobre os colegas de turma.

Realizar atividades que possibilitem a valorização de suas características, bem como o reconhecimento de sua beleza. Pinheiro, 2023b pontua a questão do alisamento capilar na tentativa de se enquadrar a um padrão de beleza eurocentrado. Aqui trago a fala de uma das participantes da pesquisa que fala sobre o projeto desenvolvido na Rede intitulado “Afroamor, Afroamar-se”:

O *afroamor,* *afroamar-se* (Projeto Desenvolvido pelos docentes na Rede Municipal de Nilópolis). Esse projeto permite que os estudantes se conscientizem de seu poder enquanto pessoas negras, eleva a autoestima deles e faz com que eles se aceitem e se amem. Por meio de rodas de leituras e atividades lúdicas, eles aprendem a amar seus cabelos que possuem, a cor de suas peles.

Questões desse tipo podem ser debatidas com os pequenos, eles compreendem, mas, geralmente, as pautas de debate sobre questões raciais são priorizadas entre os adultos. (Profª Lúcia)

Essas são algumas das contribuições do documento construído pela Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de Nilópolis na tentativa de, coletivamente, combater o racismo por meio de práticas educativas.

Assim, este trabalho é um recorte e um diálogo das pesquisas em andamento intituladas: Formação Continuada de Professoras da Educação Infantil e suass Redes fazeressaberes nos/dos/com/os cotidianos e Tessituras de Histórias de Vida de Docentes Negras de Língua Inglesa e adotamos a abordagem dialógica,[[1]](#footnote-1) na prática e na teoria, cuja metodologia/epistemologia é uma construção permanente, a qual as bases teóricas se aportam pelas/nas várias vozes (narrativas) que visam à transformação social.

Nessa perspectiva, por se tratar de um estudo que centra sua atenção na análise dos processos dialógicos de construção social e profissional (Bolzan; Isaia, 2006), o meio pelo qual se desenvolve esta investigação são as narrativas de professoras, as quais foram estimuladas/convidadas a (re)visitarem seus percursos formativos, possibilitando, com isso, a reflexão acerca de suas práticas docentes.

No que diz respeito ao trabalho com docentes negras de Língua Inglesa, ao trabalhar as narrativas de docentes negras, busco subverter essa lógica de desvalor e submissão feminina e dar voz e trazer à luz as conquistas não somente das participantes da pesquisa, mas de todas as mulheres negras brasileiras, uma vez que elas estão inseridas em um coletivo de mulheres que tiveram suas vozes silenciadas ao longo da história do Brasil. Sabe-se que na época da escravidão somente os homens brancos tinham o direito ao processo de escolarização, portanto quando uma pesquisa mostra que as mulheres negras conseguiram ter acesso à educação e consequente domínio de seu próprio idioma e mais do que isso do completo domínio de uma língua estrangeira, estou honrando a cultura e história dos povos negros e a ancestralidade dos povos que são parte da constituição do povo brasileiro, e desconstruo a ideia de que os negros são inferiores aos brancos por serem menos capazes intelectualmente. A pesquisa busca desinvisibilizar os currículos pensadospraticados para o ensino da Língua Inglesa a partir de epistemologias negras.

Narrativa é o que estrutura a experiência e o modelo de investigação utilizado para este estudo. Segundo Cladinin e Connelly (2011), a narrativa é o melhor modo para representar e entender a experiência, pois ela representa histórias vividas e contadas.

Em consonância com tal ideia de pluralidade de conhecimentos, nos estudos *nosdoscom* cotidianos não há um modelo único de “como pesquisar”, mas, ao contrário, estes se expressam na e pela diversidade de alternativas e possibilidades, ressaltando a importância do uso das narrativas e dos acontecimentos cotidianos. Segundo Alves (2011, p. 26), é preciso:

Superar a ideia de que apenas aquilo que pode ser classificado, organizado, enquadrado serve como dado de pesquisa e mergulhar na complexidade da vida, buscando captar seu dinamismo, seus enredamentos, seus pequenos acontecimentos tornam-se meios fundamentais para o encontro do imprevisível, do incontrolável, do diverso, do singular que fazem parte da vida cotidiana.

Para além da modernidade e da pós-modernidade, o cotidiano, em toda sua complexidade e rebeldia, atravessa diferentes maneiras de conceber o conhecimento e os modos como são organizados. Se as “ideias” pós-modernas se constituem em redes mais promissoras para uma compreensão do cotidiano como lócus de invenção e de conhecimento, a modernidade, com todas as suas restrições ao cotidiano e aos conhecimentos do mundo produzidos fora dos limites da ciência moderna, dele não conseguiu escapar. O cotidiano não é só rebelde, mas também muito persistente em se fazer inevitável na vida das pessoas – cientistas ou não (Oliveira, 2008).

**Considerações Finais**

As pesquisas apresentadas são de grande importância social, pois todos os estudantes deveriam receber algum tipo de formação em letramento racial, a fim de que uma sociedade com pensamentos antirracistas, verdadeiramente democrática e que priorize a ecologia de saberes seja construída coletivamente.

**kReferências Bibliográficas**

ALVES, Nilda. Decifrando o Pergaminho- os cotidianos das escoas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, Nilda. *Pesquisa nos/nos/com os cotidianos das escolas.* Sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alli, 2008.

BOLZAN, Doris Pires Vargas; ISAIAS, Silvia. Aprendizagem Docente na Educação Superior: construções e tessituras da professoralidade. *Educação*. Porto Alegre RS, ano XXIX, nº 3, set./dez. 2006.

BRASIL,*Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LDB. 9.394/1996.

BRASIL. *Lei Federal nº 10. 639, de janeiro de 2003*. Ensino sobre história e Cultura Afro-Brasileira. MEC- Ministério da Educação, Brasília, 2003.

BRASIL, MEC.CNE. CEB. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/SEB 5/2009.

*DELIBERAÇÃO CME nº 45/2021*- Prefeitura Municipal de Nilópolis

Disponível em: nilopolis.rj.gov.br. Aacesso em 01/05/2024.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica*. Brasília:MEC, SEB, DICEI, 2013.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa Narrativa*: experiência e história em pesquisa qualitativa. 1. ed. Uberlândia: UDUFU, 2011.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. *Pesquisa nos/nos/com os cotidianos das escolas.* Sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alli, 2008.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. *Como ser um educador antirracista.* São Paulo: Planeta do Brasil, 2023a.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. *Querido Estudante Negro*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023b.

1. A opção por esta abordagem tem como contribuição os estudos de Bakhtin (1992/2003) quando propõe a relação pesquisador/pesquisado não como uma relação pesquisador/objeto, mas uma relação entre sujeitos sociais, sujeitos falantes que são dialógicos, e, portanto, só podem ser compreendidos nessa perspectiva dialógica. [↑](#footnote-ref-1)